

O SOM INAUDÍVEL DA (IN)EXCLUSÃO: UM ENSAIO TEÓRICO

Anna Klaudya da Silva Matias
annaklaudyasilvamatias2@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/7650772209092213>

Michell Pedruzzi Mendes Araújo
michellpedruzzi@ufg.br
<http://lattes.cnpq.br/6141634183456644>

Euluze Rodrigues da Costa Junior
euluze.costa@ufes.br
<http://lattes.cnpq.br/7139754637047241>

RESUMO

Este ensaio teórico objetiva trazer reflexões acerca da inclusão e da exclusão que permeiam as construções da subjetividade do sujeito Surdo, conceitos estes que se entrelaçam nos caminhos que os compõem. Entre encontros e desencontros concomitantes ocorridos em trajetórias distintas, que se assemelham na construção silenciosa de seus *eus*. *Eus* que tecem identidades sem reflexos do outro pois o outro não se identifica ao eu. Com o aporte teórico em Sacks (2010), Bakhtin (2014), Vigotski (2000), nossas percepções se fortalecem e se sistematizam, levantando questionamentos sobre o “ser Surdo” e suas relações com o outro. Este ensaio teórico é construído sob um olhar crítico e humano acerca do outro. Como tecitura emergente desse ensaio, destacamos que as palavras são vivas, modificam-se tal qual a cultura se transforma, portanto, inclusão ou exclusão são conceitos que se relacionam intrinsecamente ao campo de imanência da época ou do lugar em que os grupos sociais estão inseridos.

Palavras-chave: inclusão; educação de surdos; exclusão; alteridade

Durante nosso processo de formação humana, ampliamos o nosso vocabulário e a palavra que antes estava em formação ganha forma. Quando pronta, torna-se parte de um conceito ou transfigura-se no próprio conceito, dando forma e sentido, sendo esta uma relação dialógica, em que conceito e palavra podem variar de posição. Como em uma dança, eles vão se entrelaçando e de acordo com a disposição dos pares, podem evoluir e tornam-se maiores.

A esse respeito, Vigotski (2000) aborda que a “[...] a palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio. Logo, o significado é um traço constitutivo indispensável da palavra. É a própria palavra vista no seu aspecto interior” (p. 398). Agora

indagamo-nos: qual conceito que a palavra exclusão carrega? É uma palavra dotada de longa historicidade, e mudança de significado de acordo com o corte histórico e o local, o campo de imanência, em que se considera para analisá-la. Nesse ínterim, Vigotski (2000a) aborda que a palavra está infundida de lembranças, de memórias, e qual o peso que ela impera sob os sujeitos Surdos¹ e em sua subjetivação? E onde existe a exclusão não pode coexistir a inclusão? Tais conceitos são antagônicos?

Começemos pelo início: qual é o significado das palavras: exclusão e inclusão? Como registrado em dicionários da língua portuguesa, a palavra exclusão significa o ato ou efeito de excluir, de origem latina, “*excludere*” seria similar a deixar ou manter do lado de fora, sendo “*ex*” fora e “*cludere*” fechar, e o que aparece como seu antônimo é a palavra “*includere*” e seria inserido em, “*in*” em, “*cludere*” fechar, mudando apenas o prefixo, tornando-se o equivalente a “fora” e “dentro”.

Inspirados em Escorel (2009), compreendemos o termo “exclusão” juntamente com “social”. Ao pesquisar a fundo a origem e os desdobramentos atribuídos a essa expressão, ela apresenta o livro de René Lenoir, “*Les exclus: un français sur dix*”, publicado em 1974, e atribui considerações pertinentes relacionadas a esse termo, apresentando-o como um estado e um processo, demonstrando o movimento existente dentro da trajetória de exclusão.

Nesse diapasão, precisamos destacar que ter deficiência, ser “diferente” e não se enquadrar nos padrões impostos pela sociedade são construções sociais (ARAÚJO, 2020). Como a exclusão é de natureza social e inclusão também o é!

A palavra exclusão tem uma carga emocional, estando atrelada ao sentimento de isolamento e solidão, mas nos espaços onde as pessoas Surdas se comunicam em língua de sinais esse sentimento muda. Elas se sentem confortáveis, pertencentes, inseridas nos diferentes contextos sociais, sem barreiras linguísticas, livres, seguras e valorizadas. Assim, podem se comunicar livremente, compreendendo e sendo compreendidas. Sacks (2010) discorre sobre essa exclusão vivenciada pelos Surdos, e como isso pode afetá-los,

¹ Adotamos o termo Surdo com letra maiúscula ao longo deste texto por tratarmos de sujeitos que se reconhecem por suas identidades e cultura surdas e, são atravessados e se constituem no mundo pelas experiências visuais (PUDANS-SMITH *et al.*, 2019; WOODWARD, 2016).

não só remetendo aos prejuízos de ordem da aquisição linguística tardia, mas também aos silenciamentos quando vivem a carência de diálogos. Nas palavras do autor:

O mundo surdo, como todas as subculturas, é formado em parte pela exclusão (do mundo ouvinte) e em parte pela constituição de uma comunidade e um mundo em torno de um centro diferente — seu próprio centro. No mesmo grau em que os surdos se sentem excluídos, podem sentir-se isolados, afastados, discriminados. Quando formam um mundo surdo, voluntariamente, espontaneamente, sentem-se à vontade nele, apreciam-no, veem-no como um refúgio[...]. Agravando a situação desvantajosa geral dos surdos (não devido à incapacidade deles, mas à nossa discriminação), há todo tipo de problemas que surgem com o uso de uma língua de sinais — mas eles são problemas só porque nós os causamos. É difícil para um surdo, por exemplo, obter assistência médica ou jurídica adequada; existem muitos advogados conhecedores da língua de sinais nos Estados Unidos, mas quase nenhum médico (e, até agora, pouquíssimos paramédicos ou enfermeiras). Quase inexitem instalações de emergência adequadas para os surdos. Se um surdo adoce gravemente, é fundamental imobilizar apenas um dos braços com via intravenosa; imobilizar os dois pode incapacitá-lo para comunicar-se. De modo semelhante, com frequência não se percebe que manietar um surdo equivale a amordaçá-lo. (SACKS, 2010, p. 105-106)

Diante disso, percebemos que existe o anseio por serem vistos e ouvidos, o desejo pela participação ativa nas conversas familiares, nos momentos de encontro, a ansiedade pela troca e pelo contato, e romperem com a privação e exclusão dos lugares onde deveriam ser de aconchego, o lar. Por intermédio da falta de partilha da mesma língua, a casa pode tornar-se o primeiro lugar onde a palavra exclusão começa a ganhar forma, digo, as crianças surdas nascidas em lares com pais ouvintes, que não dividem a mesma língua e experiência visual, vivem em redes de interdependências as quais tem por característica recorrente dificuldades nas trocas de informações e de conhecimento sobre o mundo.

A esse respeito, a autora surda Laborit (2000) descreve essa falta de compreensão existente nas relações familiares da pessoa surda em seu livro “O grito da gaivota”, sendo um verdadeiro testemunho de vida e um desabafo sobre os silenciamentos vividos por ela, enquanto mulher surda. Destarte, ela expõe:

Creio que os adultos que ouvem e que privam os filhos da língua gestual nunca conseguirão compreender o que se passa na cabeça de

uma criança surda. Há a solidão e a resistência, a sede de comunicar e por vezes a ira. A exclusão na família, em casa, onde toda a gente fala sem se preocupar conosco. Porque é preciso perguntar todo o tempo, puxar alguém pela manga ou pelo vestido para saber um pouco, um bocadinho, do que se passa à nossa volta. Senão, a vida não é mais do que um filme mudo, sem legendas (LABORIT, 2000, p. 32).

Refletindo sobre as falas acima citadas percebemos que a exclusão é um fenómeno compartilhado entre os sujeitos surdos. Podemos visualizar a negação a espaços que são impostas a esses sujeitos ilustrando o significado da palavra “*excludere*” de forma prática e violenta, que é o estar fora, estar a parte. É o sujeito não visto, não ouvido, não pertencente. É o silêncio. É a dor abafada, é o grito contido, é aquela velha e familiar sensação de vazio, é o não reconhecimento do eu no outro, é tela em branco, é um espelho sem reflexo, é exílio. Como descreve Skliar (2003):

A exclusão, se é que pode ser então alguma coisa, é a morte de ambos os lados da fronteira; é a separação e a justaposição institucional indiscriminada; é o aniquilamento do outro; a negação do exercício do direito a viver na própria cultura, na própria língua, no próprio corpo, na própria idade, na própria sexualidade etc., uma norma - muitas das vezes explicitamente legal - que impede o pertencimento de um sujeito ou de um grupo de sujeitos a uma comunidade de direitos. Comunidade de direitos, inclusive e, sobretudo, o direito à não-mesmidade; o direito irreduzível da/diferença. A exclusão, se é que pode ser então alguma coisa, é um processo cultural, um discurso de verdade, uma interdição, uma rejeição, a negação mesma do espaço-tempo em que vivem e se apresentam os outros (SKLIAR, 2003, p. 91).

Como explicitou Skliar (2003), a exclusão é um processo que, ao ser normalizado, perde-se o corpo e torna-se dado, torna-se um número em meio a um gráfico de tantos outros dados, e o que antes era um problema, converte-se em mero objeto de análise e estatística. A exclusão não é fixa e inalterada, ela oscila, transmuta, e os espaços de exclusão se ampliam, se alargam e atravessam os corpos daqueles que estão à margem, e tiram-lhes suas identidades, e criam uma verdade onde esses corpos se tornam coisas sem valor, não são mais sujeitos, agora são apenas categorias para futuros diagnósticos sociais.

Compreendendo que a palavra tem valor cultural, e é carregada de significados, e que “[...] o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. [...] há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis” (BAKHTIN, 1992, p. 109). Então, o

outro da exclusão pode tornar-se o eu da inclusão, a depender do contexto e do lugar, ou de onde se fala? Pois, “[...] ninguém parece estar completamente incluído, ninguém parece estar totalmente excluído” (SKLIAR, 2003, p. 95). O autor traz questionamentos pertinentes sobre a dualidade existente entre a exclusão/inclusão, onde podemos refletir sobre quem é o outro excluído, e onde ele se encontra. “Poderíamos responder que *não é do sujeito, não está no sujeito, circula na cultura, ou melhor, em um fragmento pontual dela como um significado que não é natural e que foi naturalizado. É um mecanismo de poder centralizador que consiste em proibir pertencimentos e atributos aos outros*” (SKLIAR, 2003, p. 92, grifos do autor).

Em alguns espaços podemos ouvir o sussurro da diversidade, o discurso da aceitação às diferenças, nas discussões rasas e mascaradas onde coloca tais conceitos de forma binária, bom/mau, inclusão/exclusão. Desta forma, faz-se necessário estarmos alertas para não nos submetermos a discursos que visam manter as estruturas de poder e preconceito, colocando os corpos que antes inaceitáveis, agora, estão em vitrines vendendo imagens de igualdade e acessibilidade, mas sem mudanças estruturais e políticas. Acerca disso, Gesser (2009) expõe que o preconceito é cíclico e está presente na história da humanidade, desta forma “[...] as sociedades, as instituições, as pessoas constroem estruturas e discursos para a manutenção e disseminação do preconceito quando apregoam, por exemplo, as representações da 'normalidade'” (p. 68, grifo do autor). E nessa relação ontológica entres estes conceitos, onde se encontra o sujeito Surdo?

Após ser o eu assassinado, o eu silenciado, o eu mutilado, o eu amordaçado, o eu despercebido, o eu quimérico, agora é o outro. Outro que grita, que exige e fala, é o outro que está aqui. É o outro inconstante em sua própria constância de se ser. Como o outro diferente que dialogicamente constitui o seu devir.

A compreensão do exposto pode ser alargada pelas asserções da autora Perlin (2003) a seguir:

Sempre terá um outro que sou, um outro que vou ser, um outro que *“anda ao amanhecer”*, um outro que é diferente. Importa ser o outro diferente em contato com outros diferentes. Importa rasgar esta pedagogia que me faz ansiar pelo produzir o outro igual, na mesmice que exclui o diferencial; importa deixar esta produção do outro como o

diferente na sua infinita capacidade de transformar. Importa eu me sentir o outro *andando ao amanhecer*, compreender a temporalidade significativa que me envolve e compreender a temporalidade significativa do outro para com ele ser outros, pois todos somos constantemente outros (PERLIN, 2003, p. 68, grifo da autora).

Perlin (2003) também aborda um outro que pode “ser”, ou pode “vir a ser”. Na sua perspectiva, é um outro que não é mais igual, que não se encaixa na mesmice, é um outro que se descobriu, se perdeu e se reencontrou na diferença, é um outro que compreendeu o seu eu. Dessarte, não é possível responder onde o sujeito Surdo está, pois ele é inconstância, é caminho, não é um sujeito fixo. Como todos os outros *eus*, ele também é outro em relação a sua própria alteridade, pois agora ele pode “ser Surdo”.

Frente ao processo histórico de exclusão dos Surdos, negaram-lhes o direito de ser quem são, desvalorizando suas diferenças, sendo que “a diferença dos surdos costuma ser localizada no corpo, no ouvido, na audição, no cérebro, na patologia, mas, na verdade, há que ser entendida como uma *diferença política*” (SÁ, 2006, p. 333). A experiência de se “ser Surdo” não está apenas em um laudo atestando o grau de sua perda auditiva, as discussões acerca da representação dos sujeitos Surdos têm relação direta com as barreiras impostas pelo ouvintismo, como salientou Sá (2006).

A autora Sá (2006) também levanta discussões sobre a surdez e a negação impostas aos Surdos de viverem plenamente suas experiências, sua língua, sua cultura, o *ser Surdo*. Podemos levantar alguns apontamentos que ainda sujeitam os Surdos a não se sentirem pertencentes, como por exemplo a barreira comunicacional, onde os Surdos não têm uma relação direta com os outros sujeitos, pois estes não falam sua língua, mesmo sendo pertencentes ao mesmo país, poucos falam a Língua Brasileira de Sinais - Libras, dificultando trocas e contato, pois como já afirmamos anteriormente, a língua é uma ligação, uma ponte entre os homens. Outro ponto está no acesso, no estar dentro, no incluir, não conseguindo ter acesso aos lugares físicos como também nos virtuais, as informações não são dispostas com fácil visibilidade, poucas placas e painéis com explicações, sendo a maioria proferida através de autofalantes, excluindo tais comunicados aos Surdos, e na internet poucos conteúdos são ou dispõem de acesso nas línguas de sinais e/ou colocam legendas, e quando as tem são rápidas e com tamanhos inapropriados. Outra questão é a invisibilidade, na qual os sujeitos Surdos de fato não são

vistos, a materialidade da surdez não está em traços fenotípicos, desta forma, suas diferenças são ignoradas, e os Surdos ficam à parte, não se enxergando como sujeitos com deficiência, em contrapartida não são vistos como sujeitos “inteiros”, capazes. Sendo assim, ficam ao devir.

Estamos falando de sujeitos que vivem a alteridade, que são a encarnação da polifonia, que se pertencem, que tornaram a sua diferença um vínculo, sem romantismo, apenas resistência, e da ressignificação da exclusão temos a axiologia da língua, de uma língua que é elo, que é a própria estética do eu-outro. Neste sentido Bakhtin (2003) aborda essa inconclusão do eu, e o valor do outro em nossa constituição, aqui podemos fazer um paralelo com o valor que a língua e a cultura surda têm sobre os sujeitos Surdos em sua autoimagem, e a relação interna entre o eu que parte de si mesmo e o eu que se constrói a partir do contato com o outro, e como essa relação afeta a inclusão de Surdos na comunidade geral.

Incluir não é apenas estar dentro. Poderíamos imaginar que, com o Decreto 5.626/2005, validando a experiência visual dos Surdos e a sua língua, os muros e as barreiras iriam ruir, mas o preconceito e a exclusão não são processos fáceis de extinguir, exigem transpor crenças e ocupar espaços. Não basta a regulamentação. É necessária a sistematização de ações engajadas na concretização das garantias e ao respeito às diferenças linguísticas, sociais e culturais dos Surdos, pois não basta estar dentro ou fora, está além, é estar e ser no pertencimento, é a palavra *incluir* com sentido e valor político e social. Bakhtin (2014) evidencia o valor da língua para além das normas e regras, pois isto pode nos distanciar da constante evolução da língua e da compreensão do outro.

Acreditamos que aqui como em qualquer lugar a verdade não se encontra exatamente no meio, num compromisso entre a tese e a antítese; a verdade encontra-se além, mais longe, manifesta uma idêntica recusa tanto da tese como da antítese, e constitui uma síntese dialética. [...] Na realidade, o ato de fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. *A enunciação é de natureza social* (BAKHTIN, 2014, p. 112-113, grifo do autor)

A valorização das normas em detrimento da axiologia da língua, como abordado por Bakhtin (2014), nos ajuda na compreensão da inclusão e da exclusão dos Surdos.

Conceitos que estão para além do que apenas um sistema linguístico pode dar conta de assimilar, pois desconsiderar o cotejamento existente nos enunciados, nos encontros dos signos, é exaurir as imensas possibilidades de compreensão discursiva existente nos diferentes eus, e nos inúmeros outros, é desconsiderar a polissemia linguística e reduzi-la a decifração de códigos. Isso porque o significado e o sentido destes conceitos como já evidenciamos, não estão estagnados. Nesse sentido, Silva (2006) expõe essa flexibilidade dos significados:

O significado não é estático mas dinâmico, não é dado mas construído no conhecimento *enciclopédico* e configurado em feixes de conhecimento ou *domínios*, não é platónico mas corporizado, encarnado nas necessidades, nos interesses e nas experiências dos indivíduos e das culturas. Mas esta flexibilidade inerente do significado não significa caos; tem os seus limites e as suas restrições; não é incompatível, ou melhor, até exige uma certa estabilidade. Flexibilidade e estabilidade são ambas essenciais em qualquer sistema que pretenda ser eficiente: ambas contribuem para a eficiência cognitiva e comunicativa da linguagem (SILVA, 2006, p. 59-60).

Entretanto, não podemos desconsiderar que o signo tem relação dialética com o enunciado, sendo necessário estarmos atentos para o contexto e os aspectos culturais, linguísticos e semânticos para não interpretar de forma equivocada os possíveis significados. É importante considerar as mudanças que todos os signos carregam, se ocorrer uma mudança social ela desencadeará uma mudança na língua. Desta forma o eco da in/exclusão dos sujeitos Surdos é instável, o signo é refração da realidade, e a realidade é inconstante, é transitória e vive em constante transformação. “As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais [...]” (BAKHTIN, 2014, p. 42, grifo do autor). Toda mudança começa na palavra, seu valor estético e social está carregado de historicidade e polissemia, atravessando as subjetividades e construindo constantemente novas possibilidades de interpretação do movimento de inclusão e exclusão que atravessam as identidades dos sujeitos Surdos.

Pensando a escola como espaço democrático, é importante refletir sobre seus impactos nos grupos minoritários como os surdos, que viveram (e ainda vivenciam) processos de exclusão por não terem acesso a sua cultura e sua língua nesses

ambientes. Desta forma, é urgente ressignificar esses espaços para que eles possam de fato acolher os surdos. Ademais, percebemos que talvez o ambiente que grite e expresse em bom som que é para todos, talvez não seja de fato para todos, pois esse ambiente não está preparado para englobar e entender as diferenças que os Surdos compartilham, uma vez que não há ninguém que fale a língua natural dos Surdos, excluindo-o deste espaço. Escolher estar com sujeitos que falam sua língua, que entendem suas construções culturais e sintam necessidades semelhantes não é sinônimo de *apartheid*, é respeito pela diversidade em seu amplo sentido. Não podemos ser democráticos apenas no signo, precisamos torná-lo um conceito real, dando oportunidade aos sujeitos Surdos de abrirem portas e poderem fazer escolhas, sem a imposição de um modelo e um padrão ideal construído por uma sociedade ouvinte.

Como em uma dança regida por uma canção tocada no vácuo, não se propaga, não se ouve e não se sente, palavras não existem sem o peso e o valor de seus significados, logo, o sentido dado pela cultura para a inclusão e a exclusão dos corpos dos sujeitos Surdos está relacionado à historicidade do preconceito que permeia a sociedade. Desse modo, atravessar conceitos já *engessados* pela sociedade em geral é fundamental para possibilitar que os sujeitos Surdos de fato construam suas subjetividades podendo se ver no outro, e que esse outro reflita imagens legítimas de humanidade e semelhança, sem estigmas de silenciamento e cárcere.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. P. M. **Assim como as borboletas**: Bianca e a síndrome de Turner. 2020. 167 f. 2020a. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação) -Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2014.

SCOREL, S. Exclusão social. **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2009. Disponível em: <<http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/excsoc.html>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

CESSER, A. **LIBRAS?**: Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LABORIT, E. **O grito da gaivota**. 2. ed. Tradução: Ângela Sarmento. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

PERLIN, G. T. T. **O ser e o estar sendo surdos**: alteridade, diferença e identidade. 2003. 156 p. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2003.

PUDANS-SMITH, K. K.; CUE, K. R.; WOSLEY, J. A.; CLARK, M. D. To Deaf or not to deaf: That is the Question. **Psychology**, v. 10, p. 2091-2114, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4236/psych.2019.1015135>. Disponível em: <https://www.scirp.org/journal/paperinformation.aspx?paperid=97416>>. Acesso em: 20 ago. 2023

SÁ, N. R. L. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SACKS, O. **Vendo Vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

SILVA, A. S. **O mundo dos sentidos em português**: polissemia, semântica e cognição. Coimbra: Ed. Almedina SA. 2006.

VIGOTSKI, L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WOODWARD, J.; HOREJES, T. d/Deaf: Origins and Usage. In: G. Gertz; P. Boudreault (Orgs.), **The SAGE Deaf Studies Encyclopedia**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2016, p. 284-287.

SOBRE OS AUTORES

Anna Klaudya da Silva Matias

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás. É licencianda em Letras-Libras pela Universidade Federal de Goiás. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-3043-3333>

Michell Pedruzzi Mendes Araújo

Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Espírito Santo, graduação em pedagogia pelo Centro Universitário de Maringá, mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. É professor adjunto da Universidade Federal de Goiás (UFG). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4596-5386>

Euluze Rodrigues da Costa Junior

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes/Brasil). Professor Adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes/Brasil) e Permanente do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE/CE/Ufes). Chefe do Departamento de Linguagens, Cultura e Educação (DLCE/CE/Ufes). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1448-4099>.